

8.2 - Projeto

NAIR FERREIRA GURGEL DO AMARAL

O USO DE CLICHÊS NAS REDAÇÕES DO VESTIBULAR: UMA OCORRÊNCIA FAVORECIDA PELOS PRÓPRIOS TEMAS.

08. HAYAKAWA, S.I. Uso e Mau Uso da Linguagem. São Paulo, Plêiade, 1977.
09. BORGES, Jorge Luis. Discussão. São Paulo, Difel, 1985.
10. BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística Geral. Campinas, Pontes, 1988.
11. CEGALA, Domingos Paschoal. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1989.
12. ALI, Said. Investigações Filológicas. Rio de Janeiro, Grifo/MEC, 1975.
13. NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. São Paulo, Scipione, 1989.
14. BUHLER, Karl. Teoria da Linguagem. 2ª ed. Madrid, Revista de Docentes, 1961.
15. BERNARDO, Gustavo. Redação Inquieta. 2ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
16. MACLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutenberg e/ Guerra e Paz na Aldeia Global. Rio de Janeiro, Record, 1971.
17. ECO, Umberto. Aberto a Interpretação. São Paulo, Perspectiva, 1983.

CLICHÊ: chapa metálica com imagens ou dizeres em relevo, para serem impressos. Chapa fotográfica negativa. (Pop.) Lugar-comum, chavão.

CHAVÃO: fórmula de falar repetida; lugar-comum.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO

1.1 - O problema e sua delimitação

II - JUSTIFICATIVA

2.1 - Lembranças e Aprendizagem

2.2 - Questões a Investigar

2.2.1 - Por que é tão difícil escrever?

2.2.2 - A Égide do Medo

2.2.3 - Culpa de Quem?

III - OBJETIVOS

3.1 - Como identificar as causas do problema

3.2 - Como reverter a situação, eliminando as conseqüências

3.3 - Como contribuir para melhorar o ensino de Língua Portuguesa

IV - METODOLOGIA

4.1 - Abrangência

4.2 - Procedimentos

V - BIBLIOGRAFIA

Formação e Aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

O Problema e sua Delimitação

"A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado tal com à prática que ilumina o pensamento é por ela iluminado."
PAULO FREIRE (Apud, Veiga, 1989:15)

Alegre, Mercado Aberto, 1987:07).

O interesse pelo estudo desta problemática foi fortalecido durante os cursos ministrados pela eficiente equipe da UNICAMP (João Wanderley Geraldi, Tânia Maria Alkimim e Raquel Salek Flad) e UFMG (Maria Antonieta Antunes Cunha, Daniel Alvarenga e Samuel Moreira da Silva).

O entusiasmo e o profundo conhecimento de todos com relação a artificialidade do ensino da língua materna e suas posturas frente a uma nova proposta de trabalho contagiaram vários colegas e a mim de forma irreversível que logi este projeto como de mais alta relevância a causa educacional.

"Ou devolvemos ao aluno a palavra e tornamos alunos, ou estaremos eternamente a ensinar discursos de outrem."

Questões a Investigar

- a) Por que é tão difícil ensinar?

I - INTRODUÇÃO

O Problema e sua Delimitação

Este projeto consiste em uma pesquisa descritiva exploratória, sob forma circunstanciada e crítica a respeito do uso dos clichês nas redações do Vestibular e mais especificamente em uma verificação das causas e conseqüências advindas deste recurso tão utilizado pelos vestibulandos. O Propósito que o caracteriza refere-se à interpretação e análise de redações no período de dois anos por acasão dos Concurso Vestibulares na UNIR, tendo em vista a compreensão da contradição teórica e prática existente no bojo da Língua Portuguesa e a análise dos discursos aluno/professor, no processo ensino- aprendizagem.

A pretensão a que nos referimos acima objetiva, sobretudo, a dar uma contribuição à comunidade estudantil, em geral, e particularmente aos professores e alunos do 2º grau e/ou Cursinhos.

Embora tenhamos plena consciência de que só a longo prazo o problema será resolvido, com uma mudança de postura do professor primário frente ao ensino da Língua Portuguesa, urge que mostremos, o quanto antes, as inconveniências de um ensino equivocado e mal orientado.

O presente estudo buscará, pois, investigar o foco do problema, procurando mostrar o que é relevante na escrita e levando em conta o referencial teórico estabelecido para o trabalho, as categorias de análise, emergentes, bem como tentará contribuir para que se efetive uma educação fortalecida para a consciência social e política dos estudantes, isto é, uma postura como sujeitos de suas ações e donos de seus próprios discursos.

II - JUSTIFICATIVA

Lembranças e Aprendizagem

"Qualquer grupo, em sociedades como a nossa, para exercer um certo tipo de profissão precisa diferenciar-se dos demais por certos traços que são os definidores de sua competência.(...) Do fato de que o preparo socialmente reconhecido é escolar tem decorrido que, na formação profissional, os conhecimentos efetivamente úteis são sempre acompanhados de conhecimentos e atitudes cuja função é, sobretudo, de capacitar o profissional para representar uma papel - não no sentido profissional, mas social -, em resumo: permitir-lhe executar os diversos rituais e etiquetas que a sociedade associa a um profissional de certo nível; em outras palavras, há sempre um conjunto de conhecimentos que a escola lhe fornece para permitir-lhe exercer sua profissão com a "mise-en-scène" de rigor.(...)"

Para o que interessa aqui, cabe distinguir os conhecimentos de gramática e de literatura realmente relevantes para a tarefa de ensinar, e os conhecimentos que têm a ver sobretudo com a imagem social do professor de português: em nossa opinião, fazem parte desse segundo tipo de conhecimento o domínio de particularidades gramaticais (ortografia de palavras que nunca se escrevem, em coletivos e femininos raros, vozes de animais extintos, a conjugação do verbo **explodir**, a etimologia de **paquete**, as vinte e sete funções sintáticas da palavra **que**, o quarto sentido do verbo **assistir**, o nome do sinal **&**) e literárias (qual era o olho vazado de Camões, para que lado o pelicano da primeira edição de **Os Luzíadas** virou o bico, que Machado era epilético e mulato, que o nome completo de Olavo Bilac é um alexandrino perfeito, que João Cabral de Melo Neto é portador de uma cefaléia crônica e grande consumidor de aspirina - tudo isso no lugar da leitura das obras). Esses conhecimentos servem para muito pouca coisa, mas conferem ao seu portador uma aura de competência que impressiona: se o professor de português sabe até isso, conclui o leigo, sua cultura lingüística e literária é perfeita também para as atividades relevantes.(...)"

No vestibular, no próprio curso de primeiro e segundo grau e no salão ele é avaliado por esse tipo de conhecimento, não por sua leitura efetiva."SÍRIO POSSENI e RODOLFO ILARI. (Lingüística Aplicada ao Ensino de Português - Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987:07).

O interesse pelo estudo desta problemática foi fortalecido durante os curso ministrados pela eficiente equipe da UNICAMP (João Wanderley Geraldi, Tânia Maria Alkimim e Raquel Salek Fiad) e UFMG (Maria Antonieta Antunes Cunha, Daniel Alvarenga e Samuel Moreira da Silva).

O entusiasmo e o profundo conhecimento de todos com relação à artificialidade do ensino da língua materna e sua posturas frente a uma nova proposta de trabalho contagiaram vários colegas e a mim de forma irreversível que elegi este projeto como de mais alta relevância à causa educacional.

"Ou devolvemos a palavra aos nossos alunos, ou estaremos fadados eternamente a ouvir discursos de **outrem**."

Questões a Investigar

- a) Por que é tão difícil escrever?

Intrigada com a questão da escrita, resolvi esclarecer o porquê das dificuldades, da resistência, da apatia, do descaso e até da "malandragem" no ato de escrever.

Sabendo de antemão que a linguagem escrita se apresenta "mutilada" em relação à linguagem oral e que para atingir suas finalidades comunicativas ela necessita de maior atenção, pois não conta com uma série de outros elementos, vocais ou não, que auxiliam a expressividade, lógico estava para mim que o único caminho de amenizar esta diferença seria o exercício. Coisa, aliás, que não se praticava na escola até pouco tempo atrás. Estou me referindo ao exercício da escrita como forma de exercer o direito de dizer e não ao exercício mecânico da cópia, do ditado ou ainda da REDAÇÃO, o bicho-papão, introduzido nos Vestibulares no final dos anos 70.

As escolas, que já não davam um tratamento especial à escrita, passavam, agora, equivocadamente, a transmitir uma imagem pior. Para ela, escrever era preencher um espaço em branco de mais ou menos 30 linhas, tendo os seguintes cuidados: legibilidade, estética, parágrafos (3 de preferência) e muito cuidado com os problemas gramaticais, principalmente com a ortografia. Pronto. Estava dada a receita para se passar no Vestibular, O que escrever? De preferência o que se supunha "agradar", dentro das estratégias e do modelo formal preexistente: palavras difíceis, períodos longos e complexos e muita frase de efeito. Aquelas lidas em algum jornal ou ouvidas na televisão...

A Égide do Medo

A constatação séria desse comportamento professoral é que o aluno foi induzido, ao longo de sua vida estudantil, a escrever apenas para o professor, aquele que o "julga". Aí, então, atacado pela síndrome do MEDO, eles não conseguem escrever meia dúzia de linhas sinceras. E é sob esta mesma égide que o aluno passa a utilizar de todos os meios disponíveis para atingir seus objetivos, obedecendo, é claro, a alguns critérios de orientação já citados acima.

Obececado pela idéia de passar no Vestibular e sabendo que não pode cometer certos "erros", a única alternativa que lhe sobra é tentar impressionar. É aí que entra a "encheção de lingüiça" e junto com ela os **chavões** e os **clichês**.

Culpa de Quem?

Até agora elegemos a escola e, através dela, o professor como os maiores culpados por esta situação. Porém, o que tem feito as Universidades para reverter este quadro? Nem tem mudado o comportamento dos professores frente à escrita e muito menos se tem pensado mais seriamente na escolha dos temas para os Vestibulares, uma vez que os mesmos, na maioria das vezes, são "chavões" por natureza.

Um bom exemplo disso é um dos temas do último Vestibular/UNIR capital: **A violência deve ser combatida com violência?** Um prato cheio para quem não tinha muita leitura a respeito. Era só repetir a linguagem televisiva, policial e pseudo-informativa. Do tipo Aqui e Agora.

Pretendemos, então, mostrar despretenciosamente que os alunos são assim e continuam assim porque a Universidade não fez nada para mudar este quadro até o momento.

III -OBJETIVOS

1.1 - Como identificar as causas do problema

Sem deter nas questões sociais, políticas ou econômicas, preocupar sobremaneira com a qualidade das redações no Vestibular e refletir sobre as causas de tal desempenho lingüístico.

Que a escola não está interessada em valorizar o que o aluno pensa, não apresenta novidade. Cada vez se escreve menos na escola e quando se faz é de forma totalmente artificial. A escrita foi esvaziada de sua função principal - a interação - e o aluno foge cada vez mais da responsabilidade de opinar. É nesse aspecto que afirmamos ser a escola responsável, quando traça suas prioridades. O que é mais importante para ela? Decorar regras e estratégias ou exercitar a escrita? Permitir-se "errar", reescrever, refletir...

1.2 - Como reverter a situação, eliminando as conseqüências

Através da reflexão e mudança de postura do professor em sala de aula, trabalhar com alguns pressupostos que podem abrir novos caminhos:

- Buscar no dia-a-dia do aluno a matéria-prima das redações.
- Dar liberdade para que ele pergunte sobre qualquer coisa, arriscando, mas expondo suas idéias.
- Discutir idéias novas.
- Dar liberdade para ler.
- Evitar atitudes preconceituosas.
- Mostrar ao aluno que o professor não é um juiz implacável, mas um orientador.

E, principalmente, conscientizar o aluno de que "escrever não é um dever, mas um direito".

1.3 - Como contribuir para melhorar o ensino de Língua Portuguesa

Acreditamos na importância que este tipo de trabalho pode representar no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que trabalharemos com causas e conseqüências e mostraremos que uma causa primária leva a um comportamento contínuo, como se fosse uma roda-viva: a causa gera a conseqüência e essa mesma conseqüência passa a ser a causa do problema ora levantado.

A contribuição que este tipo de pesquisa pode trazer é que cientes do fato, professores e alunos, possam repensar suas práticas e mudar seus discursos.

IV - METODOLOGIA

Abrangência:

A pesquisa deverá acontecer em determinado "corpus" qual seja: as Redações dos Vestibulares da Universidade Federal de Rondônia - UNIR (interior e capital), no período de 02 (dois) anos e nas seguintes etapas:

- 1ª) Vestibular de Janeiro de 1992 (capital)
- 2ª) Vestibular de Julho de 1992 (interior)
- 3ª) Vestibular de Janeiro de 1993 (capital)
- 4ª) Vestibular de Julho de 1993 (interior)
- 5ª) Vestibular de Janeiro de 1994 (capital)

Procedimentos:

- Propósito do estudo: leitura e análise do material disponível.
- Levantamento de arquivo: arrolamento do problema a ser focalizado.
- Caracterização do universo: separação por etapas.

- * que tipo de clichê aparece mais?
- * em que tipo de texto?
- * em que momento do texto?
- * qual a clientela que mais utiliza?
- * pretendentes à quais cursos?

Coleta de dados: indicadores para análise.

- * entrevista com alunos e professores do 2º grau e/ou Cursinhos.
- * entrevista com alunos e professores universitários.
- * pesquisa sobre outros comportamentos em outras Universidades.
- * levantamento dos temas oferecidos no período a ser pesquisado.
- * verificar: a escola trabalha em função do Vestibular ou Vestibular trabalha em função da escola?

V - BIBLIOGRAFIA

- BACK, Eurico. Fracasso do Ensino de Português: proposta de solução. Petrópolis, Vozes, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail. Marximos e Filosofia da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, São Paulo, Hucitec, 1988.
- BELTRAN, José Luiz. O Ensino de Português - intenção ou realidade. São Paulo, Editora Moraes, 1989.
- BERNARDO, Gustavo. Redação Inquieta. Rio de Janeiro, Globo, 1988.
- RONAZZI, Marisa e ECO, Umberto. Mentiras que parecem verdades. Tradução de Giacomina Faldini, São Paulo, Sumus, 1980.
- DUCROT, Oswald. O dizer e o Dito. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo, Contexto, 1989.
- FRANCHI, Eglê. A Redação na Escola. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- GERALDI, João Wanderley. O Texto na Sala de Aula. Cascavel, Assoeste, 1984.
- _____. Portos de Passagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- GIL NETO, Antonio. A Produção de Textos na Escola. São Paulo, Editora Loyola, 1988.
- GNERRE, Maurizzio. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- HUBNER, Regina Maria. Quando o Professor Resolve. São Paulo, Loyola, 1989.

ILARI, Rodolfo. A Lingüística e o ensino da Língua Portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

KATO, Mary A. No mundo da escrita - uma perspectiva psicolingüística. São Paulo, Ática, 1986.

KIRST, Marta (Org.) e outros. Lingüística aplicada ao ensino de Português. Porto Alegre, RS, Mercado Aberto, 1987.

PÉCORA, Alcir. Problemas de Redação. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

POSSENTI, Sírio. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

SOARES, Magda. Linguagem e Escola - uma perspectiva social. São Paulo, Ática, 1985.

TASCA, Maria. (org.) Devolvendo a língua falada e escrita. Porto Alegre, Sagra, 1990.

_____. Portos de Passagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

GIL NETO, Antonio. A Produção de Textos na Escola. São Paulo, Editora Loyola, 1988.

GENERRE, Maurizio. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

HUBNER, Regina Maria. Quando o Professor Resolve. São Paulo, Loyola, 1989.